

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS E GERENTES—MOREIRA & SEIXAS

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

Publica-se aos Domingos. Preço das assignaturas para esta freguesia 9\$000, para fora 10\$000; não se aceita por menos de um anno. Anuncios a 100 reis por linha, e 50 reis para os assignantes; publicações a pedido, o que se convencionar. Todo o pagamento adiantado.

Expediente

Estamos procedendo ás cobranças das assignaturas do nosso jornal.

Como não ignoram os nossos assignantes, carecemos assim proceder afim de faser face ás despesas inherentes á nossa empresa.

Assim, rogamos encarecidamente a todos aquelles cavalheiros que são considerados assignantes do nosso jornal e aos quaes foram apresentados os recibos impressos de nossa casa o especial obsequio de remetter-nos a importancia respectiva, sem o que não poderemos considerá-los no rol dos protectores da nossa empresa.

Rogamos ainda aos nossos assignantes o obsequio de desculparem-nos este procedimento, filio das circunstancias que assim nos obrigam.

Echo Municipal

O Floral.

(Jornal de Horticultura Prática.)

O sr. Dudouy tem em Saint-Quen (França) um jardim muito interessante.

Diversas plantas são ali cultivadas com as raízes na terra, ou em arda, ou entre esponjas, ou entre musgo, e não deixam por isso de produzir largas e abundantes folhagens, magníficas flores, frutos volumosos, troncos grossos e robustos.

Pecegueiros, Cerejeiras, Pereiras, vivem ali em vasos de pequenas dimensões, e não, nestas circunstancias, os seus frutos com tanta largueza, como se tivessem, para alimentar-se, um largo e fundo terreno. Nas mesmas condições, em Agosto ultimo, alguns *Tomateiros* deram excellentes productos.

Na terra do jardim, em Julho, colherão-se *Grãos de bico*, que, em seguida, se semearão, e que já em Agosto, terão flor para uma segunda colheita.

O sr. Thindard, empregando os mesmos meios na Normandia, tem conseguido cultivar *Begonias* de deus metros e meio de circunferencia e um metro de altura, em vasos de dous decímetros de diametro, cheios de musgo verde e sem terra. As raízes podem ver-se, por entre o musgo, e são de uma coração branca e rosada, completamente natural. Os *Coleus*, plantas de folhas vermelhas, hoje tão vulgares nos jardins portuguezes, são criados em vasos de um palmo e chegam ali a um metro de diametro.

Os *Feijões* e as *Ervilhas* desenvolvem-se abundantemente em pequenos vasos sem terra.

As *Begonias* conservão-se por muitos mezes em vasos de uma pollegada de diametro, lançando hastes tão grossas como o proprio vaso, e raízes que sabem delle por ali não caberem, e vem acolher-se e ramificar-se por entre o musgo verde collocado em volta. Qual é a explicação de todos estes milagres?

Já muita gente começa a convencer-se que qualquer planta se póde criar sem terra. Por isso começam as casas pequenas e os jardins estreitos a encher-se de vegetaes, que devem fornecer ás famílias os productos das grandes hortas.

A explicação destes factos estranhos é, como se vai ver, a mais simples das explicações.

O Sr. Alibaud, discipulo entusiasta de Dudouy, mostrou-me uma vez na varanda de um 3º andar onde mora, em Paris, um caixote com arda, cheio de plantas altas de *Ervilhas*, e, por cima, da parede, a gaiola de um grande papagaio brasileiro.

«Aqui tem as minhas erias», disse-me elle. Para ter uma planta ou um animal são precisas exactamente as mesmas cousas, que se resumem no alimento e no espaço indispensavel para o corpo caber e desenvolver-se.

O que come o papagaio? Sopas. O que comem as *Ervilhas*? Uns póes que eu mesmo preparo com agua. Todas as manhãs venho dar de almoçar ás *Ervilhas* e ao papagaio: a um dou sópas, ás outras dou os póes. Nada mais simples. A chimica agricola é uma grande coisa! Quantos campos de trigo não tenho eu visto com meia dúzia de plantas espalhadas por uma vasta extensão, e, apesar disso, a morrer á fome! É como uma grande mesa de jantar onde só se encontra pão secco e raro. A mesa é o campo extenso; o pão é os alimentos escassos de que esse trigo precisa, e que, para o nutrir, mal, ainda assim, tem de ser procurado pelas raízes, chamado, por assim dizer, por ellas, muitas vezes em vão. As minhas plantas quasi que não tem mesa, mas tem banquetes; dou-lhes eu nestes póes, que ali estão naquella caixa, pequena como vê, mas que tem cozinhado e prompto, mais alimento vegetal que o que quaisquer plantas podem encontrar em um hectare de terreno. Para se terem plantas basta ter o espaço restricto onde ellas caibão com os seus troncos, folhas e raízes, e dar-lhes de comer. Ter em casa plantas é como ter papagaio ou canários. Eu não tenho aqui, neste 3º andar um *Cedro do Libano*, pelos mesmos motivos por que não tenho um elephante, uma girafa ou um senador inamovivel, por que occupão muito espaço, e comem demasiado para as minhas posses.

O sr. Alibaud é por ora, como todos os apostolos das novas doutrinas, considerado na sua rua como um original. Todas as manhãs uma vizinha que mora defronte, quando o vê, comovido de esperanças vegetaes, dar de almoçar ás suas plantações, pede-lhe, rindo ás gargalhadas, um ramalhete de *Pinheiros* com raiz para levar á noite ao baile.

Os póes que o meu amigo Alibaud considera como alimento já cozinhado para as plantas, são compostos pelo sr. Alfredo Dudouy, vendem-se em França, tem o nome sanoro de *Floral*, e são ha algum tempo preconizados nos jornaes de agricultura.

Desvelemos emfim o mysterio:

Analysando as plantas, soube-se facilmente de que ellas se compõem; quasi tão facilmente como, desfilando um tecido, se fica sabendo que elle é composto, por exemplo, de lã e algodão. E como, pondo algodão e lã em um tear, o tecido se forma, assim tambem pondo junto das raízes de uma planta nova azoto, phosphoro, enxofre, potassa, cal, magnesia, ferro, silica, sal e agua, essa planta deve desenvolver-se.

Quando a planta se põe na terra, esta tem sempre alguns dos alimentos necessarios, e basta-lhe fornecer-lhe phosphato de cal, nitrato de potassa, sulphato de ammonia e sulphato de cal.

Posto isto, descobrio-se que, se todas as plantas se nutrem das mesmas comidas, nem para todas igualmente têm as mesmas sympathias especiaes. Estas são diferentes, segundo as plantas, e representam necessidades tambem especies de alimentação. Ha homens que precisam comer muita carne, outros que sobretudo se alimentão de vegetaes, e, nas regiões polares, é preciso beber oleo para ter calor e viver.

Assim se soube, por exemplo, que o *Trigo*, a *Cevada*, o *Centeio*, querem sobretudo muito azoto, os legumes sobretudo muita potassa, o *Milho*, os *Nabos*, principalmente phosphato.

Por ultimo descobrio-se ainda — e nesse sentido fez o Sr. Dudouy experiencias interessantes — que as plantas podião ter indigestões.

Saibamos como é que uma planta come. As substancias que eu enunciei, entrão dissolvidas em agua, pelas raízes, e espalhão-se pelos ramos e folhas das plantas.

Por que entrão e porque se espalhão?

Darei uma só razão; um pannu molhado põe-se ao ar e secca. Porque? porque a agua que o molhava foi para o ar em forma de vapor, evaporou-se. Acontece o mesmo a tudo que está molhado e ao ar.

Ora as plantas têm logo por dentro da pellicula finissima das folhas agua que as molha e que está constantemente (ra mais, ora menos, conforme ha mais calor ou mais vento, etc., — evaporando-se e sahindo para a atmosphera. Esta agua, que sahe pelas folhas, deixa nellas um logar vazio, que é preenchido por mais agua que vem de baixo, até que, chegada esta acção ás raízes, entra por ellas agua com substancias dissolvidas. É como se estivesse em cada folha uma bomba a aspirar, a sugar para o ar a agua da planta, e, por fim, a da terra.

Esta agua entra para o vegetal com tudo o que tem em dissolução — bom e mau; entra em tanta maior quantidade por baixo, quanto mais agua sahir por cima; isto é, quanto maior é a evaporação.

Ora uma planta que evapora muito é uma planta gulosa, comilona, soffrega, que mette, mette para dentro, sem cuidar no que precisa, nem no que, por ser demasiado, ella não pode digerir.

Assim, por exemplo, quando uma planta evapora muito e acha muita cal na terra ao seu alcance, esta entra pelas raízes, mas fica sem emprego em diferentes pontos, prejudicando-lhe a vida como nos prejudicaria se comessemos muito

caroços de pecegos, ou uns poucos de pães em massa crua.

Muitas doenças de vegetaes, até ha pouco sem explicação satisfactoria, não têm outro motivo: são indigestões, a que talvez se sigão, e a chini-ca o dirá um dia, terríveis dispepsias.

Ora as plantas gulosas conhecem-se facilmente: são em primeiro logar as de folhas largas, porque são as que evaporão mais.

Nas mesmas condições um pé de *Tabaco* evapora 459 grammas de agua, uma *Begonia* de grandes folhas 207 grammas, enquanto que um pé de *Fuchsia* apenas 80.

As plantas herbaceas, verdes, evaporão mais, pelos seus terços tenros e aquosos, que as arvoretas lenhosas e ressequidas.

Por isso o Sr. Duouy fabrica quatro *Floraes*: O 1.º (para as plantas de folhas pequenas) rico em phosphoro, potassa e cal;

O 2.º (para as folhas largas) rico sobretudo em azoto, que, não ficando em depositos no interior dos vegetaes, não é indigesto;

O 3.º para as plantas lenhosas de folhas estreitas;

O 4.º para as plantas lenhosas de folhas largas.

E pois o *Floral* com que o meu amigo o Sr. Alibaud se propõe criar florestas espessas e abundantes hortas no seu 3.º andar da rua Soufflot, em Paris.

Resumo o *Floral* na sua composição as descobertas dos ultimos 50 annos de chimica agricola, cujos elementos capitais eu mencionei ha pouco. Alimento cozinhado, condensado, na melhor forma para a planta o comer, e por isso relativamente barato, o *Floral* pôde dar-se em pequena dose e ser na realidade muito; é o extracto de carne das plantas. Eu conheci na America um fabricante, que descobriu o meio de encerrar em um vidro de duas polegadas de altura, que elle vende por dous dollars, todo o poder alimenticio de um boi sem ossos.

O *Floral* é ainda, pelo que já mostrei, um alimento completo mas hygienico. Na sua applicação estão previstos os goliões vegetaes.

Lisboa.

JAYME BATALLA REIS.

Camara Municipal

VILLA DO CRUZEIRO.

Segunda sessão ordinaria do dia vinte e oito de Outubro de mil e oito centos e setenta e oito. Sob a Presidencia do sr. Firmo de Mello. Secretario Bernardino do Brito.

Aos vinte e oito dias do mez de Outubro, de mil e oito centos e setenta e oito, no Paço da Camara Municipal da Villa do Cruzeiro, Termo de Lorena, as onze horas do dia, onde se achava o Presidente da mesma o senhor Antonio Firmo de Mello, e os Vereadores Tenente Francisco José Gomes Serapião Junior, Francisco de Godoy Fleming, e Manoel Dias dos Santos Xavier, deixando de comparecerem os Vereadores Manoel Saturnino de Seixas, e Major Manoel de Freitas Novaes, e não tendo officiado os Vereadores, a causa do não comparecimento foram multados na forma da lei.

Deixando de comparecer o Vereador Alfes Muniz Barreto, com motivos justos—Attendido.

E não havendo numero legal, foi pelo senhor Presidente, officiado ao Supplente de Vereador Manoel Pereira dos Santos Castro, o qual achasse presente.

E havendo então numero legal foi pelo senhor Presidente, declarada aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Leu-se uma petição do Escrivão do Termo, João de Oliveira Evora, na qual pedia o pagamento de meias custas em que foi condemnada a Camara Municipal desta Villa, no processo instaurado na pessoa de José Bueno do Oliveira, e sendo posta em discussão, depois de ter pedido a palavra o Vereador Tenente Serapião Junior, fez ver a esta Camara, que em vista de serem as multas dos Juizes do Paço desta Villa, pagas a Camara da cidade de Lorena, era de o-

pinhão que essa pagasse as despesas exigidas pelo Escrivão Evora, e sendo submettida a votação passou por maioria de votos, votando a favor do Officio o Vereador Santos Castro.

INDICAÇÕES

Pelo Vereador Tenente Serapião Junior, foi indicado que esta Camara mande seu Procurador, quanto antes mandar construir o Pontilhão na saída da Villa, na estrada que segue para Lorena, devendo primeiramente ser esgotado aquelle Corrego, na profundidade de um metro contendo a mesma largura; assim mais deverá o mesmo Pontilhão ter a largura de tres metros, com seus devidos guardas lamas, e sendo posta em discussão, foi por unanimidade de votos—Aprovada.

Foi ainda pelo mesmo Vereador indicado que esta Camara, sem perda de tempo ordene ao seu Procurador, mandar vir da Corte duas latas de Fomicida de Capanema (Legitima) para o mesmo Procurador mandar extinguir os fumiguicidios existentes nas ruas e praças desta Villa, apresentando estas despesas no seu balancete.

E sendo posta a mesma indicação em discussão foi—Aprovada.

E sendo quatro horas da tarde, e não havendo mais nada a tratar o senhor Presidente levantou a sessão, marcando para o dia seguinte e depois de lida e aprovada (a acta) assignasse o Presidente e Vereadores.

Em Bernardino Monteiro de Brito, Secretario o escrevi.

Antonio Firmo de Mello.

Presidente

Francisco José Gomes S Junior.

Manoel Dias dos Santos Xavier.

Francisco de Godoy Fleming.

Manoel Pereira dos S. Castro.

NOTICIARIO

Inauguração.—A 27 do passado inaugurou-se diffinitivamente nesta freguezia, á margem esquerda o laboratorio chimico do Sr. Theodoro Fragoso Rhodes, intelligente e sympathico pharmaceutico, com-cunhado do popular Sr. Doutor Ildefonso Ascanio.

A convite d'estes distinctos cavalheiros diversas familias e pessoas gradas do logar acceitaram um copo d'agua na casa onde se acha estabelecida a referida pharmacia.

Uma lauta meza dos mais escolhidos e delicados doces alli se ostentava litteralmente circundada de convivas.

Destes, á par da immensa amabilidade do sr. Doutor Ascanio e sua Exm.ª Familia, e durante o tempo que durou o festi.º levantaram diversos brindes, dos quaes citaremos em primeiro lugar uma saudação do sr. A. A. Moreira ao Doutor Ascanio e sr. Rodas e suas Exm.ªs Familias; um brinde do Doutor Ascanio aos proprietarios do Echo Municipal e á imprensa em geral; outro do Rm.ª Padre Antonio Caetano Ribeiro aos mesmos e particularmente ao redactor d'este periodico; outro do sr. Augusto A. Moreira, em resposta a ambos os distinctos cavalheiros que vinham de saudar os proprietarios do Echo e particularmente em nome do seu redactor, que se achava ausente etc; outro do sr. Dr. Ascanio ao sr. Claudino de Almeida Palma, integerrimo, circumspecto justiciero, e energico Subdelegado de policia d'esta Freguezia. Este brinde fora entusiasticamente correspondido e secundado pelos circumstantes que, não somente aquiesceram a elle como adheriram phreneticamente ás idéias expendidas pelo orador.

Neste acto, tendo comparecido o redactor d'esta folha e tomando parte na reunião, pediu a palavra e obtendo-a saudou em breves palavras ao popular, intelligente e devoto discipulo de Esculapio, ao Apostolo da sciencia, ao medico democrata, sr. Dr. Ildefonso Ascanio e sua Exm.ª Familia. Saudou ainda aos Cachoeirenses pela excellente acquisição que acabam de fazer nas pessoas do sr. Doutor Ascanio e sr. Rodas, mormente por haverem estes optado pela margem esquerda da Cachoeira, parte esta que até aqui se resentia da ausencia de um facultativo e de uma pharmacia: o sr. Dr. Ascanio e o

sr. Rodas veem preencher esse immenso vacuo, aquelle com os seus vastos conhecimentos scientificos, e este com a criação de seu laboratorio pharmaceutico.

O sr. Dr. Ascanio correspondendo a esta felicitação não accoita in totum as honras que se lhe confere; antes acorda que a sua presença só, sem o auxilio da imprensa satisfaria incompletamente os fins a que se propõe; que a imprensa espanta as trevas e apaga as vantagens da sciencia, creando d'estarte adeptos da verdadeira medicina e afugentando a cafila sedenta de charlatães, e exploradores da ignorancia de infelizes victimas de suas panaceas: que, por conseguinte, não pôde furtar-se ao dever de saudar á imprensa livre em geral, e mais particularmente ao redactor do «Echo Municipal.» Este, como outros brindes, foi ainda calorosamente correspondido, pelos convivas presentes aos quaes, e ao sr. Dr. Ascanio reiteramos os protestos da nossa gratidão.

Assim terminou-se aquella reunião que nos deixou gratas recordações e gravada indelévelmente em nosso coração a immorredoura lembrança da nimia obsequiosidade do sr. Dr. Ascanio e da sua exm.ª Familia aos quaes ainda uma vez cumprimentamos.

Suécio.—Como previamos, teve lugar a 27 do mez passado a reunião familiar de que fallamos em o precedente n.º desta folha, na Villa do Cruzeiro. Primou pelo numero de damas que affluio á reunião, pelo apuro do gosto dos seus belissimos toilettes pela amabilidade dos nossos hospedeiros, e finalmente pela duração da reunião que prolongou-se até ás 5 horas da manhã do dia seguinte.

Saudamos á modicidade progressista do Cruzeiro e ao selecto e florido madamismo.

Subdelegacia do Cruzeiro.—Damos em segunda publicidade a uma carta particular que obsequiosamente nos fôra dirigida pelo muito digno Subdelegado de Policia daquelle Villa. Assim procedendo, temos sómente em vista render a divida homenagem aquella authoridade, que procura com admiravel abnegação attribuir a si o facto a que alludimos em o precedente numero d'esta folha em referencia ao sr. Escrivão da subdelegacia do Cruzeiro. Somos fregados o crer na explicação que alli nos dá, visto como nos merece muito o sr. Manoel Nunes Duarte a quem agradecemos a fineza.

Convém entretanto que lhe asseguremos que não nos deixamos arrastar pelas primeiras impressões, e que, se agradecemos ao sr. Escrivão a feliz lembrança que teve á por que temos mais de um titulo que nos authorisa a crer nos seus bons desejos á cerca da nossa obscura individualidade.

Eis a carta a que nos referimos:

«Ilm. Sr. Redactor do Echo Municipal»

Villa do Cruzeiro, 29 de Outubro de 1878.

Amigo e Sr.

Saudando-o bem como a sua Ex.ª Familia, desejo-lhe boa saúde.

Inimigo como sou de intrigas á daptando nas colunas de seu conceituado «Echo Municipal» com um artigo, em o qual increpava o Escrivão da Subdelegacia do Cruzeiro, como iniciador do seu nome para um cargo Policial é meu dever—dizer-lhe a verdade; que tal caso não se deu e sim que eu proprio fui quem disse que no dia em que V. viesse, para fazermos a subdivisão do Quartelão, eu lhe apresentaria por gracios, um papel qualquer dizendo ser a sua nomeação para esse cargo.

Isto disse e tinha tenções de o fazer, porem por méz brincadeira, e não o fiz por me ter esquecido, devido aos muitos affazeres que V. vio que tinhamos em aquelle dia. As minhas tenções foram unicamente brincar com V. em virtude da nossa amizade, assim pois, peço-lhe que não dê ouvidos ás linguas maldicentes que se aproveitam de simples gracejas para intrigarem os seus semelhantes, na certeza de que se deste meu dito lhe provem algum mal sou eu occupado e não o Escrivão.

Aguardando suas ordens, sou com subida estima.

De V.

Amigo Obrigado menor Criado.

Manoel Nunes Duarte»

Diario do Rio de Janeiro.—Deixou de existir a contar de 31 de Outubro proximo passado o «Diario do Rio», o o decano da imprensa livre. Reappareceu, entretanto, a 1.º do Janeiro futuro editado na officina do extincto «Diario» um novo organ de publicidade, que se denominará «Jornal do Povo.» No seguinte n.º de nossa folha seremos mais extensos sobre a morte de um dos mais valentes e denodados batalhadores do século e que se denominou «Diario do Rio de Janeiro.»

Tribuna Liberal.—A 30 de Outubro passado alligio ao seu primeiro anno de existencia a «Tribuna Liberal.» Felicitemos ao dedicado propagador das idéias livres, e lhe auguramos um futuro de constantes louros.

Folhetim ao Comprido

Continuação do numero 14

Proficua Lição

Um Casamento á força.

(Ao meu illustre e nobre amigo e patricio Sr

Vicente Barreiros.)

IX

—Tu és demasiadamente cynico, Jayme.

—Não sou cynico, meu amigo; vingo-me simplesmente d'est' biltre: é este o plano de vingança que estudo ha dias. E não somente me vingo, mas dou uma aspera, severa e, ao mesmo tempo, PROFICUA LIÇÃO aos páes que entendem dever trocar suas filhas por ouro e nobreza, sacrificando-lhes o mais nobre dos sentimentos, arrancando-lhes e fazendo em pó o coração!... E espeznho tambem o orgulho feroz, estúpido e ridiculo da Exm^a fidalguia que esphacela-se—digna do seculo das trevas—dos tempos em que o povo rugia escravo sob o peso da tyrannica nobreza!...

—A essa fidalguia ou nobreza tambem eu oppoño os meus principios; porque detesto-a, condemnô-a; e parece-me que está em directa opposição ás leis dos Evangelhos.

—Quanto, porém, ao procedimento dos páes para com os filhos, has de permitir-me confessar-l'ò, não deve, não pode, não tem razão de ser, como tu o queres.

—Sabes tu o que em vejo n'elles? Uma obrigação plenamente cumprida, um direito rectamente exercido.

—Como comprehendes, á todos os paes encumbem trabalhar e procurar a felicidade de seus filhos; ora, adoptando os teus principios, o que diria ou o que faria a sociedade ao pae rico, que, tendo o foro de fidalgo, dêsse sua filha por esposa a um commerciante plebeu, embora rico tambem?

—Chama-lo-ia a sua escoria, condemnô-lo-ia ao seu despreso! Já vêz, pois, que além de ser obrigado a isso, o pae vê-se na coacção de fazer o

seu dever e uzar do seu direito, de conformidade com o que exige a sociedade.

—Os teus principios não são mais que esterilizadores escarachos, meu amigo. E fiques certo de que não avango uma proposição falsa. Elles são esterilizadores, porque oppoem insuperavel barreira á civilização, á Liberdade, talvez, muito mais á moralidade: são escarachos, porque, semelhante a gramma aferrada ao solo, elles são aferrados á propriedade de serem esterilizados.

—E' consummado sophista.

—Isto não é sophisma, é logica. E verdade que ao pae incumbem a obrigação de fazer felizes seus filhos; mas tambem não é menos verdade que, quando se tractar disso, elle não deve reger-se simplesmente pelas leis da sociedade; não deve buscar a confirmação de preconceitos frivolos e fatuos; não deve estribar-se unicamente no direito de pae rico e nobre para cumpri-la; mas antes tem dever principalmente com as inclinações, com os desejos de seus filhos.

—Entendo que, se um individuo pedir-lhe a mão de sua filha elle não pode negar-l'ha porque ache ou presuppoha-o indigno d'ella. Para proceder rectamente ha mister consulta-la; e se ella quizer e esse individuo não agradar-lhe, fica-lhe (ao pae) unicamente o direito de procurar convencê-la de que não deve casar-se com elle. Mas em vez de accessivel encontrar-lhe resistencia, deve ceder, admoestando-a, todavia, que não será feliz, mas que a culpa té-la-ha ella. E a filha examinando-se a si propria, decidirá.

—Eis o que penso, o que creio estar mais concorde com a razão.

—Se todos os paes fizessem isto, é irrefragavel que não ooviriamos dizer constantemente:—Foi raptada a filha de fulano; fugiu a de cícrono; a de beltrano recebe o seu amante; a de Pedro deu á luz um menino e engritou-o; Paulo suicidou-se porque sua filha" deshonrou-o, e... por ahí além!... Muitos crimes seriam evitados...

E os dois amigos descutiram largamente sobre estes principios.

O Marquez dirigira-se para S. Cristovão onde a tempestade foi formidavel; mas, acastellado-se no forte inexpugnável do amor, Cecilia acalmou e venceu-a!

As duas horas do dia aprazado, Jayme foi avisado de que se effectuaria o casamento ás 5 horas em S. Francisco de Paula.

Revestiu-se e saiu.

Da torre da igreja soavam cinco pancadas, quando entrou no templo.

Finda a cerimonia, metteu-se no carro com sua mulher e, acompanhados de numerosos convidados, partiram para S. Cristovão.

Momentos depois de lá chegarem, Jayme, pretextando nimia necessidade de voltar á cidade, pediu escusa e, dando trez beijinhos muito ternos e ardentes em sua esposa, disse-lhe:

—Não te arrafes comigo, querida Cecilia; bem sabes que não vou porque não te amo muito... Dize que não te zangas, sim?

—Quando voltas?

—Amanha á noite

—Ora... tão tarde?...

—É preciso, filha.—Adeus.

Saiu e, como dissera, só voltou segunda-feira á noite.

Na terça cedo veio para a cidade e assim tem feito sempre—indo á noite e voltando pela manhã.

Mora em casa do sogro, que resolvera-se a fazer as pazes e muito o estimava...

A lua de mel parece não se acabará jamais para aquellos dois entes, que tão bem souberam comprehender e decidir questões de amor.

Já tem dois filhinhos e vivem muito felizes, muitissimo felizes.... E o Marquez diz-lhes, dominado pelo amor de pae, sempre que os encontra junctinhos e contentes como dois pombinhos segredando amores:—

« Como sois felizes, queridos filhos!... Invejo a vossa felicidade... entretanto só devêra pedir-vos perdão!... »

Jurara que vós tambem, amáveis leitores e leitoras, estaes com inveja... advinhei?

Pois se não achardes complacencia em vossos páes...

Adeusinho.

Rio—Setembro de 78.

Eurico d'Albuera,

FOLHETIM (3)

Aristides o Justo



Decreto offioso do desterro injusto
O premio veio a ser dos seus servicos.

Elle s' lembrou naquelles instantes do famoso Cresso, d'aquelle rei da Lydia, que naquella mesma cidade, que deslumbrou com seu fausto, e com o brilho de suas riquezas, cahio do alto de seu poder nos ferros de Cyro.

Interromperam-se suas reflexões com a chegada do mensageiro, o qual lhe annunciou que seu amo não seria visivel senão d'alli a duas horas.

—Volta, lhe disse, e faz saber a teu amo, que não tenho tempo para esperar; e diz-lhe que um maneebo, e um sátropa Persa deve ter certas considerações com a ancianidade, e com um grego livre.

O escravo abriu grandes olhos e ficou pasmado, e por fim se resolveu, não sem dificuldade, a levar a sua resposta.

Consentiu Cyro em recebê-lo. Atravessou alguns salões adornados de ouro, prata, e seda, de bellissimas estatuas, e vasos de feitiços airozos, e foi andando sobre alcáfitas riquissimas; mas a sala onde estava Cyro, se avantajava a todas em magnificencia em fino gosto. O pavimento era um mosaico de marmores formosissimos, e as paredes estavam revestidas de alabastro resplandecente. Otto columnas de porfido sustentavam uma meia laranja, na qual os pinceis de muitos artistas acreditados tinham pintado a fresco a Venus sahindo do centro das aguas, circundada de Nereidas e de Amores, que voltavam em torno della.

O joven principe estava debaixo da dita meia

laranja, recostado sobre juma caminha de prata, coberta com uma riquissima alcáfitas.

Aristides ficou pasmado do luxo, da riqueza, do delicado gosto da fresquidão do salão. Não se tinha sua imaginação figurado cousa tão ri-sonha.

Mas lembrou-se do que disse Diogenes em casa de Platão: *«piso o luxo e o orgulho de Cyro»*.

Os vestidos dos cortezaes guarnecidos de ouro e de pedrarias augmentavam o encanto e o esplendor daquelle espectáculo.

Conta-se de Solon, que quando entrou pelas salas de Cresso, tomavãda cortezo pelo rei, e Aristides podia ter cahido tambem no mesmo erro.

Assim que se apresentou, lhe abriu passagem a turba palaciana: passou por entre ella com passo firme e rosto levantado. Os mais atentos o olhavam com admiração, mas a modicidade, que formava o maior numero, se ria da extravagancia de seu traje, e de sua figura.

Parou diante de Cyro, o qual sem se mover de seu logar, nem comprometter seu decoro, lhe perguntou: em diaceto jonico, seu nome, seu estado, sua patria, e o que delle queria.

—Mandei retirar, lhe disse, essa mocidade louca, a quem causa maravilha a presença de um homem livre, então direi quem sou.

Fez Cyro um aceno, e todos despejaram a sala. Por-se então a olhar attentamente para elle, e conheceu que ia formando de sua pessoa alguma vantajosa idéa.—Ela-nos sós, lhe disse: falla: quem és?

—Um Atheniense, lhe respondeu, que causou muitos males aos Persas, e que pensa assaz bem de ti, e da tua generosidade, e que vem nas suas desgraças, confiar-te seu destino, e pedir-te hospitalidade.—Qual é teu nome?—Aristides de Athenas, lhe respondeu: conhece-lo?—Aristides! disse com admiração o principe: sim, tuas virtudes, e teu bom nome penetraram por todos os nossos climas.

Pronunciando estas palavras, se levantou, estendeu a mão, obrigou-o a sentar-se ao seu lado,

e tiveram uma mui larga conversação sobre os negocios da Grecia, e sobre Athenas.

Aquelle principe, cuja idade era só de 23 annos, tinha o entendimento provido de raros conhecimentos. Toda a Persia amava em razão de seu character ingenuo, e de sua luzida generosidade, e de suas amáveis prendas; mas notou que o devorava a ambição, e que formava vastos projectos de conquista.

—Sabes, lhe perguntou Aristides, que abyma é a guerra, e que sommas consideraveis traga?—Tudo prevê Aristides. accumulei já copiosos thesauros.—Ouvi, pois, principe, este pequeno apologo. «A lua roçou um dia a sua mãe que lhe fizesse um vestido, que ajustasse bem com o seu corpo. Filha minha, replicou a mãe, como é isso possivel? Não vêz que nem se quer um dia guardas a mesma forma. Tu cresces, e minguas sem cessar: o vestido que pdes, já não te ajustará bem estando feito.

O mesmo succede, Cyro, com os gastos da guerra: não se pôde fixar os fundos que se expaz de tragar esse monstro.

Em um dos nossos templos de Athenas, se vê a estatua da Paz, que tem nos braços Pluto, sob a forma de um menino: em Thebas, denotando uma idéa igualmente philosophica, está Pluto nos braços da Fortuna: sim: a Paz, filha do céu, é manancial de felicidades, e de riquezas. A guerra que se accende com miras ambiciosas, é uma injusticia que clama.

Aquelle joven Sátropa se viu embaraçado com seus arrasoamentos, mas de nenhum modo ficou persuadido; e mudando de conversação, lhe disse, que se compadecia do destino de um homem como elle, prescripto, pobre e abandonado.

—Obrigado vos fôo, lhe disse Aristides: mas eu vos exporei, como Aristippo, que a pobreza é melhor que a ignorancia, pois, aquella é somente uma privação da riqueza, quando esta é uma falta total de instrução.

Fallaram depois dos costumes da Persia. Cyro convio com Aristides em que seus costumes em outro tempo tão varoniz, e severos, se tinham rapidamente corrompido. (Continuar-se-ha)

Charadas

Offerecidas ao Redactor do

Echo

1ª

No verbo amar, e no
verbo ler, é nome de
uma bella—2—2—

2ª

Das cinco, sou infallivel,
medicamento—1—2—

3ª

A primeira, não tem compa-
nheiro, na partida—1—2—

4ª

Sou da terra, vou aos ma-
res voando—2—2—

5ª

Sou doce, nas cores, e sou
dos Portuguezes co-
nhecida—2—2—

6ª

No Theatro corro no
Theatro—2—2—

7ª

Este verbo? na cabeça
é animal reptil—1—2—

8ª

Sou um rio na Italia,
sou vasto, e dou fructos—1—1—
Cruzeiro, 23 de Outubro de 1878
B.

Offerecida ao Sr. Paulino, Cardoso.

Sem dar voltas ao miolo
Vou começar a charada,
E posso te affimar
Que é terra encharcada. . . . 2

Uma vogal tão somente
Em seguida déves pôr. . . . 1
Não o quero na garganta
E nem tú ó meu leitor. . . . 1

É uma herva espinhosa. . . . 2
É adverbio de exclusão. . . . 1
Eis o final, e agora
Vamos a decifração.

Conceito

É o nome e sobre nome
Do teu mais fiel amigo,
E verás ao decifrares
Que é exacto o que te digo.

Cruzeiro—1878.

E. C.

A PEDIDO

DEO GRATIA

O Doutor Getúlio Moreira de Castro Lima agradece cordialmente a todas as pessoas que a seu convite assistiram ás missas de 7.º dia que pelo eterno descanso da alma de sua sempre lembrada cunhada, D. Leduina Leitão de Castro Lima mandou celebrar na igreja da Villa do Cruzeiro e na d'esta Freguezia.

Cachoeira, 3 de Novembro de 1878.

Villa do Cruzeiro

É de crer que no numero seguinte do Echo Municipal seja publicada uma acta da Camara Municipal da Villa do Cruzeiro ou o historico das occurrencias do dia 23 de Outubro do corrente anno.

Tenho já em meu poder a certidão da acta daquelle dia. Não desejo entretanto anticipar-me em commentarios que impreterivelmente faria sobre uma celebre indicação do vereador sr. Francisco Serapião Junior e uma outra do sr. Francisco de Godoy Fleming, por isso mesmo que desejo que os dignos leitores do Echo estejam á par d'essas indicações, para melhor poderem frisar a questão.

Solicito portanto dês de já a benévola attenção dos intelligentes leitores do Echo para essa discussão que é realmente curiosa!

Aos srs. Francisco J. Gomes Serapião Junior e senhasessor, e ao sr. Francisco de Godoy Fleming apenas direi agora:

—Até o a. seguinte.
Villa do Cruzeiro, 3 de Novembro de 1878.

João Rodrigues Correia

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

Vende-se n'esta freguezia por commodo preço uma mobilia de peroba nova e duas camas francezas.
Quem quiser comprar dirija-se a Miranda Junior.
Cachoeira, 23 de Outubro de 1878

Grande e variado

Sortimento

Chegou na casa do

BOM E BARATO

Em Lorena

Fasenta de algodão, da linha e seda.
Roupas feitas, calças chapêns,
guarda chuva, armarinhos, perfuma-
rias, miolarias de costura etc, etc.
Preços barattissimos, e Folhinhas de
Laemmert para 1879.

Jeronymo Bastos.

CACHOEIRA

Francisco Vieira da Cruz & Cª.

EM FRENTE A ESTAÇÃO

Recentemente chegados da Corte Rd'onde trouxeram um completo e variado sortimento de seccos, molhados, ferragens e armarinhos. Vendem por preços tão baixos que não receião competidor mormente por attacado que é o seu maior ramo de negocio. Convidão ao respeitavel publico a virem se certificar do que fica dito.

Não se enganem, é no largo da Estação por baixo do Hotel Ortiz.

Cachoeira, Outubro de 1878.

LIQUIDAÇÃO

Espolio do finado Alferes A. F. Lemos.

O abaixo assignado, com procuração bastante para proceder a cobrança das dividas activas da casa commercial do finado Alferes Antonio Ferreira Lemos, convida a todos os devedores do referido espolio a virem satisfazer seus debitos no menor prazo possivel.

Previeue que tem de proceder a cobrança judicial contra todos os senhores devedores que deixarem de acceder a este convite.

Santo Antonio da Cachoeira, 14 de Outubro de 1878.

Francisco de Godoy Bueno.
2---6

GUARATINGUETA

Clinica Medica Cirurgica.

Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, tendo fixado residencia n'esta provincia, offerece as seus comprovincianos os seus serviços profissionais, acceitando chamados ou convites para conferencias em qualquer ponto da mesma provincia. Derigir-se ao mesmo em Guaratingue tá.

20—5

TYP. DO « ECHO MUNICIPAL »
EM CACHOEIRA.